

**TODAS
AS
COISAS
BELAS**

**TODAS
AS
COISAS
BELAS**

Matthew Quick

Tradução de Alice Mello



Copyright © 2016 by Matthew Quick

TÍTULO ORIGINAL
Every Exquisite Thing

PREPARAÇÃO
Cristiane Pacanowski

REVISÃO
Clarice Goulart
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
KUCO / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q57t

Quick, Matthew, 1973-

Todas as coisas belas / Matthew Quick ; tradução Alice Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
272 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Every exquisite thing
ISBN 978-85-510-0300-8

1. Ficção americana. I. Mello, Alice. II. Título.

17-46915

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para o banco verde perto do riacho

PARTE UM

Ele era um adulto e eu ainda era uma garota

No último dia de aula antes do recesso de Natal do penúltimo ano do ensino médio, fui à sala do sr. Graves durante o intervalo de almoço e o encontrei tomado pelo espírito natalino, sorrindo bem mais que de costume. Fazia alguns meses que comíamos sozinhos ali. Naquele dia, ele me trouxera alguns biscoitos italianos que a esposa fizera para mim, o que me levou a imaginar o que o sr. Graves andaria contando a ela. Os biscoitos pareciam flocos de neve gigantes e tinham gosto de alcaçuz preto. Cada um de nós comeu um, e depois o sr. Graves me entregou uma caixa pequena embrulhada em papel de presente azul com minúsculas renas brancas de chifres imensos. Eu nunca tinha recebido um presente de um professor. Senti que era um momento importante.

— É só uma lembrancinha de alguém que também evita refeitórios — disse ele, e sorriu.

Rasguei o papel de presente.

Na caixa havia um livro intitulado *O ceifador de chicletes*, de Nigel Booker. As páginas estavam amareladas e a capa ha-

via sido remendada com fita adesiva. Tinha o cheiro de uma barraca de camping velha que tivesse ficado guardada ainda ligeiramente úmida por cinquenta anos. Na capa de fundo branco via-se a imagem da Morte com sua grande foice, só que a lâmina curva era feita de chicletes coloridos — como se dispostos sobre mármore branco. Era uma imagem inegavelmente estranha. Assustadora e instigante ao mesmo tempo.

Abri na primeira página.

A dedicatória era: “Para o clube de tiro com arco.”

Bizarro, pensei.

Folheando depressa as páginas de pontas dobradas, notei centenas de trechos sublinhados.

— Li esse livro quando tinha sua idade, e ele mudou minha vida — disse o sr. Graves. — Está fora de catálogo. Até deve valer algum dinheiro, mas não é do tipo que se vende. Já o digitalizei todo há muito tempo e prometi a mim mesmo passar meu exemplar adiante para o aluno certo, quando ele aparecesse. Pode não ser a maior obra literária do mundo, deve estar meio datado, mas é um clássico cult e sinto que pode ser a leitura perfeita para você. Até mesmo um rito de passagem, para pessoas *como nós*. Enfim. Feliz Natal, Nanette O’Hare.

Quando fui abraçá-lo para agradecer, ele se enrijeceu.

— Não é para tanto.

E, com uma risada nervosa, me afastou com delicadeza.

Na época fiquei com raiva, mas tempos depois entendi que era cautela. O sr. Graves pressentiu aquilo, porque ele era um adulto e eu ainda era uma garota.

Comecei a ler naquela noite.

2

Parecia uma história incompleta

O ceifador de chicletes conta a história de um garoto que se autodenomina Wrigley por ser viciado na goma de mascar sabor hortelã da marca Wrigley. Ele diz que chicletes o acalmam, e masca com tanta voracidade (e tanta frequência) que sente muitas dores na mandíbula e chega a sofrer “ocasionais travamentos da boca”. Acompanhamos o personagem ao longo de um ano do ensino médio sem nunca descobrir seu nome verdadeiro.

Na narrativa, Wrigley só faz observar seus colegas de turma, de quem não gosta, e falar o tempo todo sobre “desistir”, mas não sabemos de quê. Dei uma busca no Google e encontrei algumas teorias. Existem sites inteiros sobre isso, dedicados a responder a essa pergunta. Algumas pessoas acreditam que Wrigley quer se matar, do que se conclui que seria desistir da humanidade. Outros defendem que ele só quer se livrar do colégio e pronto. Há ainda os que pensam que Wrigley está falando sobre Deus e que quer renunciar à crença em um poder superior, mas tenho minhas dúvidas quanto a isso, porque o narrador não menciona Deus uma

única vez. Uma última teoria é a de que Wrigley quer ir embora dos Estados Unidos e que na verdade o livro é sobre o comunismo, mas também não sei se é bem isso.

Um dia, Wrigley se apaixona por uma das gêmeas Lena Thatch e Stella Thatch — só que não sabe qual. É que uma das irmãs gosta de falar com uma tartaruga que está sempre tomando sol sobre uma pedra que desponta na água de um riacho perto do colégio deles. Wrigley chama a tal tartaruga de Ted Improdutivo, porque o bicho passa o dia inteiro ali na pedra sem fazer nada, só pegando sol. (Como eu adoro esse apelido: Ted Improdutivo.) Certo dia, Wrigley está atrás de uma árvore quando ouve uma das gêmeas desabafando com Ted Improdutivo sobre seus medos e preocupações e contando sobre um ato terrível do pai, mas sem revelar o que foi. A garota passa a “conversa” toda no limite do choro, enquanto Wrigley ouve tudo pacientemente. Até que ele resolve sair de trás da árvore, e, ao vê-lo, a garota se dá conta de que ele ouviu tudo. Wrigley tenta consolar a menina: “Tudo isso que você disse... Eu entendo. De verdade. Penso igual a você. Quer dizer, quase igual.” A princípio ela fica irritada, sentindo que foi espionada, mas os dois acabam tendo uma conversa incrível sobre a vida, a escola e tudo mais, sobre o fato de não poderem ser verdadeiros “fora da floresta” e sobre como se sentem tentados a “simplesmente desistir”.

A tragédia se revela quando Wrigley vai embora. No caminho para casa, ele percebe, horrorizado, que não perguntou o nome da garota e, portanto, não sabe se aqueles momentos de forte conexão emocional foram com Stella ou Lena, o que desencadeia uma crise de ansiedade nauseante — ele chega a vomitar —, pois a gêmea foi enfática ao insistir: “Por favor,

não conte para minha irmã. *Por favor!*” Ele não pode perguntar a uma das irmãs se era ela no riacho naquele dia, porque, caso falasse com a gêmea errada, estaria traindo a confiança da outra e “estragaria tudo”. Fica bem claro que é uma autosabotagem, mas sentimos muita pena de Wrigley, porque ele se sente torturado pelo problema sem solução.

Wrigley passa meses nesse dilema, torcendo para que a gêmea com quem conversou diga algo na escola e ao mesmo tempo temendo que ela esteja *esperando que ele tome a iniciativa*. Ele fica ainda mais perturbado pela ideia de que a garota agora se sente desconfortável com a conversa tão íntima que tiveram na floresta e que não quer falar com ele nunca mais.

Finalmente, após meses observando as irmãs no refeitório durante o almoço, ele conclui que a gêmea certa é Lena, sobretudo porque ela fica nervosa e bate o pé sempre que fala alguma coisa à mesa, cheia de garotas populares. Outro forte indício é que há pouco tempo Lena começou a usar uma bolsa com um patch da letra *L*, o que também é um ótimo sinal: Lena pode estar dando dicas de sua identidade. Mas ele ainda não tem certeza.

Wrigley decide convidar Lena para o baile de formatura, convencido de que, se ela aceitar, será uma confirmação de que ele acertou. Ela aceita o convite, mas não parece empolgada com a ideia, e assim a questão continua sem resposta.

O garoto aluga um terno e compra um *corsage* de rosas amarelas para Lena, mas, já prestes a tocar a campainha das garotas, se dá conta de que a gêmea que ele conheceu na floresta jamais iria ao baile. Afinal, ele também não tem vontade de ir, só está fazendo isso para conferir se encontrou a irmã certa. Wrigley não está nem aí para todo o resto, para

o que chama de “simulacros”. A gêmea que conversa com a tartaruga no riacho não amaria o Wrigley que vai ao baile, porque ele está fantasiado, não está sendo fiel a si mesmo — ao “Wrigley de roupas comuns na floresta”. É tão óbvio, pensa ele. E eu concordo. Ele não pode ir ao baile. Se fosse, acabaria com suas chances de ter um relacionamento com a irmã certa.

Wrigley conclui que fracassou antes mesmo de começar e, em vez de tocar a campainha das gêmeas, vai ao local onde eles conversaram pela primeira vez, na esperança de que a irmã certa esteja esperando por ele lá. Quem sabe os dois não conversam novamente e acabam se beijando, como no desfecho de um conto de fadas contemporâneo? Só que, chegando ao riacho, ele encontra um bando de meninos com gravetos tentando virar Ted Improdutivo de barriga para cima, “as quatro patas formando um círculo cruel no ar, como se ele fosse um carro capotado”. Furioso, Wrigley agarra um dos meninos maiores pelos ombros e começa a gritar “POR QUÊ? POR QUÊ? POR QUÊ?”, sem parar.

O líder do bando diz que eles só estavam brincando e que não iam matar a tartaruga. Wrigley pega o chiclete da boca e o gruda no cabelo do garoto, depois joga o menino no riacho e diz: “Também só estou brincando de segurar você embaixo d’água até ficar roxo.” Ele de fato faz isso, até um dos outros meninos implorar pela vida do amigo, suplicando que Wrigley o deixe respirar. Quando volta à tona, o garoto no rio arqueja e implora por sua vida. Wrigley o solta e as crianças fogem.

Wrigley coloca Ted Improdutivo na posição normal, mas a tartaruga morde a mão dele, arrancando um pedacinho da pele.

Enquanto Ted Improdutivo escapa, Wrigley sangra e fala palavrões e continua esperando a gêmea certa, que nunca aparece.

Quem aparece são os pais do garoto quase afogado. O pai joga Wrigley no riacho e chuta água na cara dele, dizendo:

— Cadê o valentão agora? Meu filho tem onze anos e metade do seu tamanho. Seu lixo de gente! Você é uma vergonha para nosso bairro. Por que não está no baile de formatura? Está de smoking e tudo! Não ir ao baile é uma atitude antipatriota. Você é comunista, por acaso?

Em vez de se explicar, Wrigley tira o smoking, nada até o meio do riacho poluído, já que ali “ninguém vai atrás dele”, fica boiando pelado e diz:

— Agora eu entendo, Ted Improdutivo, por que você fica o dia inteiro sozinho naquela pedra sem fazer nada. Eu desisto. Vou ficar aqui boiando para sempre, até a eternidade.

O livro termina com Wrigley rindo feito um louco enquanto as estrelas despontam no céu.

Existem muitas teorias na internet sobre o final da história, mas a conclusão mais comum é de que Wrigley rejeita a sociedade convencional — a família, a escola administrada pelo governo e até mesmo sua sexualidade — para viver o agora, boiando pelado no riacho.

Há quem diga que o desfecho contém uma lição zen-budista e que talvez represente o despertar espiritual de Wrigley.

Parecia uma história incompleta. Isso me chateou, porque eu fiquei muito curiosa para saber o que acontece com Wrigley depois que ele sai da água. Até reli o livro três vezes durante aquele recesso de Natal, achando que podia ter deixado passar alguma coisa.